Escola de soluções

Não só de insumos materiais vive o campo: é preciso plantar conhecimento para colher todos os frutos da eficiência

POLAN LACKI

"Estamos acostumados a pensar no capital como o fator de produção escasso e na sua transferência como o instrumento fundamental de crescimento. O conhecimento é agora tão, se não mais, importante fator de desenvolvimento e essa situação tende a intensificar-se. No próximo século, a aplicação e acumulação do conhecimento dirigirão os processos de desenvolvimento e criarão oportunidades sem precedentes para o crescimento e a redução da pobreza. Mas existem riscos significativos de incrementar as desigualdades entre e dentro das nações."

James D. Wolfensohn, presidente do Banco Mundial, 17 de março de 1997.

Até o presidente do Banco Mundial, instituição cuja principal função é exatamente outorgar créditos para o desenvolvimento, reconhece que o conhecimento é mais importante que o capital. Em alguns setores do mundo rural latino-americano entretanto, estamos perdendo tempo e oportunidades, porque continuamos:

- *superestimando* a importância do crédito e dos outros fatores externos que os agricultores não podem controlar, tais como as políticas, as leis, a falta de subsídios e proteção interna, o excesso de subvenções e barreiras externas, o valor do dólar, o preço do pedágio;
- *subestimando* a importância estratégica de proporcionar aos produtores rurais o insumo de que mais necessitam – o conhecimento – que lhes permitiria praticar uma agricultura muito mais eficiente e, solução realista, tornar-se muito menos dependentes e vulneráveis a fatores externos que, por mais desejáveis que sejam, infelizmente estão fora de seu alcance e manejo.



Ajuda improvável

Magnificar as variáveis que os agricultores não podem controlar é uma atitude paralisante. Contribui para que se continue lamentando as dificuldades em vez de superá-las.

As ajudas externas são tão improváveis que agora só nos resta a alternativa de proporcionar às famílias rurais as ferramentas do saber e mostra-lhes com realismo e honestidade que elas mesmas terão que resol-

ver seus problemas.

O menos que vale mais

O binômio governos debilitados e economia globalizada impôs ao setor agropecuário dois enormes desafios.

Só sobreviverão economicamente os agricultores que forem muito eficientes em tecnologia, gerenciamento e organização das distintas etapas do negócio agrícola. A eficiência deixou de ser uma vantagem competitiva para transformar-se em um requisito de sobrevivência na atividade.

Por mais difícil e injusto que seja, tal eficiência terá que ser conseguida com menos crédito, menos subsídios, menos protecionismo – enfim, com menos Estado.

Isso significa, entre outras coisas, que os escassos insumos materiais terão que ser potencializados através da correta aplicação dos ociosos insumos intelectuais.

Para muitos agricultores, significa também que os investimentos que custam muito e são pouco utilizados terão que ser realizados e utilizados de forma coletiva. Em vez do "salve-se quem puder", vale juntar forças para salvação de todos.

Multipropósitos e condições

Só terão êxito os agricultores que estiverem capacitados e organizados com propósitos empresariais, a fim de incrementar os rendimentos por unidade de terra e de animal; eliminar superdimensionamentos e/ou ociosidades; reduzir os custos de produção; melhorar a qualidade e incorporar valor às colheitas e finalmente reduzir os elos das cadeias de intermediação, tanto na aquisição dos insumos como na comercialização dos seus excedentes.

Com esses multipropósitos deverão, individualmente, eliminar as próprias ineficiências para incrementar substancialmente os rendimentos atuais.

Em grupo, organizados, encarregar-se de executar com maior eficiência algumas novas atividades – aquelas que atualmente estão sendo realizadas com baixa eficiência e alta extração de renda por outros elos do agribusiness.

Para ilustrar, bastam duas comparações elementares entre os preços pelos quais os fabricantes vendem os insumos e os preços que os produtores pagam pelos mesmos; os preços que os agricultores recebem ao vender suas colheitas e os preços que os consumidores pagam nos supermercados.

O possível e o desejável

Na América Latina é preciso desmitificar a idéia de que as soluções paternalistas são imprescindíveis e substituí-las por soluções educativo-emancipadoras, que permitam conciliar escassez de recursos com eficiência empresarial.

Em vez de semear uma monocultura que produz alimentos e renda uma ou duas vezes por ano, os agricultores poderiam fazer uma gradual diversificação agropecuária com o propósito de gerar receita e alimentos para a família e para os animais, durante os 365 dias do ano. O simples fato de diversificar a produção reduziria automaticamente a crônica dependência do crédito e diminuiria riscos sanitários, climáticos e comerciais.

> **Superestimam-se o crédito e**
>
> outros fatores externos que os agricultores não podem controlar, tais como as políticas, as leis, a falta de subsídios e proteção interna, o excesso de subvenções e barreiras externas, o valor do dólar, o preço do pedágio.

Em vez de adquirir e manter um touro e cinco vacas geneticamente medíocres e subnutridas, que juntas produzem apenas 20 litros de leite por dia, cada uma com um terneiro a cada 22 meses, seria preferível desfazer-se do reprodutor e de quatro fêmeas, porque em muitos casos estão consumindo mais do que produzindo.

Resultados concretos

O dinheiro obtido com tais medidas iria melhorar a produção de forragens e permitir a compra de uma única vaca geneticamente melhorada: essa, bem alimentada poderá produzir os mesmos 20 litros diários e parir um terneiro a cada 12 meses.

Em vez de semear um hectare de batata-inglesa, com graves erros tecnológicos e insuficiência de insumos, que rende apenas 10t, seria preferível corrigir os erros, eliminar trabalho desnecessário e concentrar os escassos insumos disponíveis para colher as mesmas 10t em um terço de hectare.

Ao substituir a quantidade pela qualidade, os agricultores poderiam diminuir os investimentos e, eliminada a ociosidade, cultivar melhor uma superfície menor e melhorar a relação custo/benefício.

Onde a ordem dos fatores altera o produto

Em vez de comprar rações balanceadas com alto valor agregado do último elo de intermediação e posteriormente vender suínos vivos sem valor agregado ao primeiro elo da cadeia, seria mais conveniente produzir a maior parte dos alimentos na propriedade diversificada e comercializar os animais com mais valor agregado e menos intermediação.

Na medida do possível e do conveniente, a propriedade rural deveria ser transformada em uma agroindústria familiar produtora de alguns insumos – sementes variadas, mudas, adubos orgânicos, forragens –, incorporando valor aos excedentes. Assim haveria menos intermediários, menos impostos, menos fretes e menos pedágios.

São soluções muito simples e simultaneamente muito eficazes. Medidas de baixo custo podem ser de extraordinária eficácia: diversificação produtiva; gradualidade tecnológica com o objetivo de gerar os recursos necessários para financiar e intensificar a produção nas próprias unidades rurais; organização para eliminar superdimensionamentos e ociosidades, verticalizando o negócio agrícola.

Distorções corrigíveis

Através dessa reconversão, as famílias rurais diminuiriam dependências desnecessárias e reduziriam a extração de renda que lhes impõem os outros elos do agribusiness antes do plantio e depois da colheita.

A extração excessiva de renda somada a baixíssimos rendimentos físicos por unidade de terra e de animal causam muitíssimo mais prejuízo econômico aos agricultores do que a falta de créditos e subsídios.

Ambas são distorções tão prejudiciais para a economia das famílias rurais que já não podem continuar sendo subestimadas e muito menos ignoradas.

Enquanto não se estimular a organização

empresarial dos agricultores e não lhes forem proporcionadas as competências – conhecimentos, aptidões, habilidades, valores, atitudes – para que eles mesmos eliminem as causas da falta de rentabilidade, será muito difícil compensar suas conseqüências; por melhores que sejam as políticas creditícias, tributárias, cambiais ou tarifárias.

Oferecendo soluções

Os documentos da FAO oferecidos no final deste artigo indicam que a imensa maioria dos produtores poderia desenvolver uma agricultura mais eficiente – mesmo não tendo acesso ao crédito – e competir sem necessidade de subsídios ou de medidas protecionistas.

Esses documentos também demonstram que a solução dos problemas que com mais freqüência afetam a maioria dos agricultores requer fundamentalmente insumos intelectuais, mais do que insumos materiais.

Tais publicações indicam que, para pôr em prática essas inovações emancipadoras, se requerem muito mais conhecimentos úteis do que créditos abundantes; muito mais eficiência produtivo-empresarial do que subsídios; muito mais agricultores competentes que exímios formuladores de políticas.

Faltou aprendizado

Se essas soluções mais endógenas são viáveis e eficazes, se os fatores clássicos de desenvolvimento agrícola são em boa medida prescindíveis e se, através da gradualidade tecnológica e da diversificação produtiva, os recursos necessários para financiar a modernização da agricultura podem ser gerados nas propriedades, por que os agricultores não as adotam?

Pelo simples motivo de que não lhes foi ensinado como formular e executar soluções compatíveis com os recursos que realmente possuem, nem como utilizar esses recursos na plenitude das suas potencialidades.

Não lhes foi ensinado em seus lares, porque os seus pais não poderiam ter-lhes transmitido conhecimentos que eles mesmos nunca adquiriram. Nem tampouco na escola, que não está capacitada para isso.

Isso se aprende na escola

Para a maioria das famílias rurais a passagem pela escola básica rural, da primeira à oitava série, é a única oportunidade de adquirir as competências que lhes permitiriam eliminar as principais causas internas do subdesenvolvimento rural. Infelizmente essas escolas não estão cumprindo essa importantíssima função emancipadora.

Os conteúdos e os métodos escolares são inadequados às necessidades produtivas e familiares do meio rural. A escola entedia as crianças, exigindo-lhes que memorizem temas de escassa e duvidosa relevância. Não lhes ensina de maneira criativa, participativa e prática aquilo que realmente necessitam aprender para se tornarem autoconfiantes, empreendedores e auto-suficientes.

Gerações de futuros agricultores, pais e mães de família com baixíssima auto-estima, saem da escola sem os conhecimentos, as atitudes e os valores de que necessitam para serem agricultores mais eficientes, educar melhor seus filhos e se tornarem solidários protagonistas das suas comunidades.

A educação básica rural deveria ter um caráter instrumental no sentido de proporcionar às crianças conteúdos úteis, que elas possam aplicar na correção de suas próprias ineficiências e na solução dos problemas do lar, da propriedade e da comunidade.

Ao Estado, o que é do Estado

Aos debilitados e endividados governos que não podem – e não devem – perpetuar dependências, só lhes resta a alternativa de emancipar os agricultores – com o devido cuidado para não confundir emancipação com abandono.

Mas a eficiência capaz de conduzir à emancipação dos agricultores somente será possível se for precedida de excelência educativa. Enquanto não outorgarmos às famílias rurais uma formação/capacitação funcional relevante, objetiva e prática, continuaremos desperdiçando esforços e enormes quantidades de recursos – tal como, diga-se de passagem, fizemos com muita freqüência nos últimos 50 anos.

Premiar a ineficiência com subsídios não pode ser melhor do que eliminá-la com conhecimentos.

Reengenharia sinérgica

Ao contrário do que costuma afirmar-se, a ineficiência geralmente é fruto de erros primários, cuja correção dependeria mais de conhecimentos elementares do que de políticas generosas e créditos abundantes.

Os baixíssimos índices e rendimentos médios da agricultura e da pecuária latino-americanas; os erros primários de ordem tecnológica e no uso dos recursos disponíveis; as gravíssimas distorções na maneira como os produtores rurais adquirem os insumos e como comercializam seus excedentes são exemplos disso.

É evidente que nada disso ocorre por culpa dos agricultores. A educação formal rural nos três níveis e a lamentável debilitação da extensão agrícola devem ser responsabilizados.

Uma profunda transformação das escolas básicas rurais deve ser potencializada e sinérgica às adequações de faculdades de ciências agrárias, escolas agrotécnicas e serviços de assistência técnica, públicos e privados, em uma reengenharia de qualidade educativa.

Publicações gratuitas fornecidas pela FAO

A ampliação e fundamentação técnica dos diferentes tópicos deste artigo podem ser encontradas nos seguintes documentos da FAO:

O que PEDEM os agricultores e o que PODEM os governos: mendigar dependência ou proporcionar emancipação?

A formação de profissionais para profissionalizar os agricultores e para o difícil desafio de "produzir mais e melhor com menos recursos".

La modernización de la agricultura: los pequeños también pueden (disponível apenas em espanhol).

Rentabilidade na agricultura: com mais subsídios ou com mais profissionalismo?

Buscando soluções para a crise da agricultura: no guichê do banco ou no banco da escola?

Desenvolvimento agropecuário: da dependência ao protagonismo do agricultor.

Críticas a este artigo e pedidos para receber os três primeiros documentos serão bem-vindos através do e-mail: polan.lacki@fao.org
Tel. (56-2) 3372205 e fax 3372102.

Os três últimos textos, já traduzidos, poderão ser retirados da seção "Publicaciones" da seguinte home page: http://www.rlc.fao.org